

O CONCEITO DE ESTRATÉGIA EM MICHEL FOUCAULT: A GENEALOGIA DO PODER

Felipe Luiz¹

RESUMO: O objetivo do presente trabalho é analisar o conceito de estratégia em algumas obras de Michel Foucault, notadamente a *Histoire de la sexualité I — la volonté de savoir*. A partir de uma avaliação das posições filosóficas de Foucault, contida nos *Dits et écrits* e na edição brasileira conhecida como *Microfísica do Poder*, sustentamos que é possível aduzir um conceito de estratégia que se choca com aquela fornecido por um dos mais famosos dicionários do pensamento do mestre francês, o *Vocabulário Foucault*, de Castro. Neste mister, nos debruçamos sobre alguns textos de Foucault, lançando mão de comentadores, a fim de descobrir se existe um conceito filosófico de estratégia em Foucault e qual seu alcance.

Palavras-chave: Michel Foucault, Edgard Castro, estratégia.

ABSTRACT: The objective of the present work is to analyze the concept of strategy in some works of Michel Foucault, specially the *histoire de la sexualité I — la volonté de savoir*. From an avaluation of the philosophical positions of Foucault, that we may find in the *Dits et écrits* and in the brazilian edition know as *Microfísica do poder*, we sustain that is possible to adduce a concept of strategy, opposite to one given by a famous dictionary of the French's master thought, the *Vocabulário Foucault*, from Castro. This way, we deal with some Foucault's texts, using comentators, to discovery if there is a philosophical concept of strategy in Foucault and its range.

KEYWORDS: Michel Foucault, Edgard Castro, strategy

Introdução

Os estudiosos da obra de Michel Foucault contam com um acurado sistema de pesquisa que são os dicionários do pensamento do filósofo francês. Particularmente no que nos toca, o conceito de estratégia em Foucault, o *Vocabulário Foucault*

¹ Programa de Pós-Graduação em Filosofia Faculdade de Filosofia e Ciências-UNESP/Marília.

(CASTRO, 2004) pode nos lançar luzes e abrir caminho para indagações pertinentes. O verbete *estratégia* é curto, totalizando menos de meia página, mas é rico em significados. Segundo Castro (2004), Foucault distinguia três conceitos de estratégia: 1. a racionalidade empregada para se alcançar um objetivo; 2. uma aceção relacionada aos movimentos de um jogador em dado jogo; e 3. indica os meios através dos quais privaríamos o inimigo dos instrumentos de combate, alcançando, assim, a vitória. Na seqüência do verbete, Castro enumera todas as ocorrências do termo *estratégia* (*stratégie*) em Foucault, indicando um refinado trabalho de pesquisa, digno de um genealogista. Castro precisa que, no filósofo francês, haveria uma *estratégia do poder*, definida como os meios utilizados para fazer funcionar um dispositivo de poder; e uma *estratégia de luta*, marcada como a própria substância dos enfrentamentos.

As três aceções de estratégia em Foucault, segundo Castro, não destoam daquilo que, na arte da guerra, se entende por estratégia, como se pode verificar em autores como Beaufre (2004) e Liddel Hart (1991), expoentes contemporâneos dos debates acerca da noção de estratégia, como expõe a própria Escola de Comando e Estado-maior do Exército (ECEME, s/d). Assim, seguindo a via de Castro, talvez Foucault não tivesse contribuições para dar quanto à noção de estratégia, posto ser seu pensamento subsumido ao de outros autores, que abordaram o tema com maior conhecimento de causa.

Contudo, talvez haja um outro sentido de estratégia no pensamento de Michel Foucault, o qual escapou ao atento exame de Castro, talvez por aparecer em um pequeno texto, notório no Brasil e na Itália, visto estar compilado na coletânea *Microfísica do poder*². Trata-se da noção de *estratégia sem sujeito* (*stratégie sans sujet*), que aparece na entrevista *Le jeu de Michel Foucault* (FOUCAULT, 1994, p. 306). O termo não é cunhado por Foucault, mas este, implicitamente, o aceita. Na edição brasileira, a chamada fala de uma estratégia sem estrategista. Comentando o primeiro volume da *Histoire de la sexualité I*, Catherine Millot, interlocutora de Foucault nesta entrevista, cita uma passagem do texto, que reproduzimos:

“lá, a lógica é perfeitamente clara, as miras decifráveis e, contudo, acontece não haver mais ninguém para tê-las concebido e poucos

² A coletânea *Microfísica do poder* parece não existir em francês. Os textos que a compõe estão compilados nos *Dits et écrits*, de modo que, embora façamos referências à coletânea, consultamos o original francês na obra citada.

para formulá-las: caráter implícito das grandes estratégias anônimas, quase mudas, que coordenam táticas loquazes cujos inventores ou responsáveis quase nunca são hipócritas” (FOUCAULT, 2007, p. 251-252)³.

É Millot que usa o termo estratégia sem sujeito, indicando, por meio dele, uma certa disposição das forças em conflito. Mas o que o termo significa? Como ele se reflete em Foucault? É um termo válido? Pode ser aplicado a outras obras de Foucault? A expressão “estratégia de poder”, citada por Castro, engloba a noção de estratégia sem sujeito, ou são conceitos diferentes?

A nosso ver, a resposta a estas questões passa por quatro tarefas: 1. Analisar as concepções filosóficas de Foucault quando da *genealogia do poder*; 2. verificar se esta concepção de estratégia está presente nesta obra em particular de Foucault, a *Histoire de la sexualité I — La volonté de savoir*, onde o termo *stratégie* aparece algumas outras vezes; 3. conferir se tal concepção de estratégia é sólida, confrontando com as demais aparições do termo no *corpus* foucaultiano; 4. averiguar se, a partir desta concepção, é possível constituir uma chave de leitura para a produção do Foucault genealogista. Duas primeiras tarefas serão empreendidas na seqüência deste texto. As duas últimas constituem o objeto de pesquisa de mestrado ora em curso.

O conceito filosófico de estratégia

A principal fonte para a investigação concernente às concepções filosóficas de Foucault quando de sua fase genealógica estão no texto *Nietzsche, la généalogie et l'histoire*; assim, empreendendo a análise deste texto, cumprimos nossa primeira tarefa. Necrológio a Jean Hyppolite, um dos principais hegelianos franceses de seu tempo, o texto em questão expressa, ironicamente, fortes posições anti-hegelianas, dada a aversão de Foucault a Hegel (MONTEAGUDO, 2006). Além disso, é um dos raros textos em que Foucault sistematiza a genealogia, o método tradicionalmente associado a sua segunda e terceira fase, se seguirmos uma divisão de seus textos ao mesmo tempo temática e metodológica, como propõe Esther Diaz (2012).

³ No original: “là, la logique est encore parfaitement claire, les visées déchiffrables, et pourtant il arrive qu’il n’y ait plus personne pour les avoir conçues et bien peu pour les formuler: caractère implicite des grandes stratégies anonymes, presque muettes, qui coordonnent des tactiques loquaces dont les ‘inventeurs’ ou les responsables sont souvent sans hypocrisie” (FOUCAULT, 1976, p. 125).

A tônica do texto é uma análise da genealogia em Nietzsche, passando por variadas obras, e a fina distinção dos termos utilizados pelo filólogo alemão, como *Entstehung*, *Herkunft*, *Ursprung*, *Wunderursprung*, *Abkunft*, dentre outros, a fim de marcar a existência de um método em Nietzsche. Este método se pretenderia antimetafísico, na medida em que abandona o principal eixo das pesquisas metafísicas, a noção de *telos*, difundida em autores tão variados, como Kant, Hegel, Comte, Saint-Simon e, talvez não sem polêmicas, Marx. A teleologia que os une significa supor na história uma finalidade, uma necessidade histórica de que os eventos se processem de tal modo. Do mesmo modo, Foucault descarta qualquer asserção sobre o fundamento da história, o que nos causará severas dificuldades na tentativa de sistematizar seu pensamento. Como diz Paul Veyne, comentando o filósofo francês e citando Deleuze, Foucault opera nem pelo princípio, nem pelo termo, mas pelo meio (VEYNE, 1982; DELEUZE, 2004). Além disso, através da noção de *Wunderursprung*, nega-se também qualquer referência a um transcendente ou a um transcendental. Em fato, em *Les mots et les choses*, Foucault pensa em termos de *a priori histórico* (FOUCAULT, 1966; RAINSBOROUGH, 2017), negando o apriorismo kantiano. Quando ao transcendente, Foucault se filia a uma tradição decididamente antiplatônica pela própria via nietzscheana que ele está a comentar, talvez mediada por Deleuze, como defende Peters (2000), sendo Platão o mais bem acabado exemplo de uma filosofia do transcendente.

Negando a necessidade histórica, a teleologia, e o fundamento, além do transcendente e do transcendental, o que Foucault coloca em seu lugar? A contingência da imanência do devir. E não qualquer contingência, como são contingentes os grãos de areia da praia ou os fios de cabelo de dada cabeça, mas uma contingência bélica. O caráter de um corpo e o próprio corpo emergem em uma correlação de forças em devir, que a genealogia visa demonstrar, desfazendo as unidades simplórias, mesmo aquelas que a primeira vista mais se dão, como a dos sentimentos. É o contrário da pesquisa azul dos metafísicos, posto que a genealogia é cinza, para usar expressões de Nietzsche (2007), retomadas por Foucault no supracitado texto; os metafísicos supõem uma origem a qual determina todo o desenrolar do corpo na história. A genealogia, pelo contrário, mostra as cicatrizes de batalha, os desvios de percurso, os percalços do caminho, através dos documentos que restaram — daí seu cinza. Ela tem um sentido histórico, na medida em que mostra estes pequenos acasos, sempre belicosos, que sói ocorrer com as coisas.

Ora, mas se se nega a teleologia, como falar em estratégia? Esta não pressupõe, exatamente, um tipo de raciocínio teleológico na medida em que, no embate entre as vontades, se busca projetar dado futuro, ensejando, por pequenos movimentos (digamos, táticas), a concretização de dado télos? Esta poderia ser uma objeção se não fosse o caso de que se trata de uma filosofia da história, e de uma teleologia histórica. Então, a estratégia sem sujeito se referiria a uma estratégia histórica.

Precisamente por se referir a uma filosofia da história, o termo *estratégia histórica* seria preferível ao termo estratégia sem sujeito, na medida em que não se trata de uma estratégia teológica ou teleológica, mas de uma concatenação de combates que resultam em dada coisa, digamos, de movimentos táticos que engendram um resultado estratégico.

Delineia-se, mais claramente, o que seria a estratégia histórica. Podemos pensá-la assim: o devir devém em uma correlação de forças. Nele, são determinados os caracteres das coisas. Cada menor embate é um movimento tático, com repercussões estratégicas, na medida em que se alterou o caráter de algo, redundando em uma nova forma de manifestação da existência. Assim, as táticas têm repercussões estratégicas, posto alterarem a própria tessitura do devir, determinando a emergência de uma nova correlação, a qual, por sua vez, fixará novos caracteres, novos corpos, novos conceitos. Como não foi pensada por um *gênio estrategista* (em referência a Descartes, o termo é nosso) na sombra do mundo, mas emergiu no embate entre as forças, ela é sem sujeito; não que não haja sujeitos envolvidos: o que não há é o gênio estrategista a tramar o devir de tudo.

Será esta a concepção de Foucault? Como pontuamos, ele se recusava a dar uma teoria totalitária, “envolvente e global” (FOUCAULT, 1999, p. 10), mas é o que se depreende de seus textos. Para descobrirmos se esta é de fato a posição de Foucault, é mister analisarmos novamente sua posição em algum texto. Como a passagem que leva Millot a falar em uma “estratégia sem sujeito” está na *Histoire de la sexualité I* (HSI), nos debruçaremos sobre este texto e, assim, cumprimos nossa segunda tarefa.

A estratégia em *Histoire de la sexualité I*

Como é sabido, a HSI foi concebida como um livro-programa, onde Foucault expressa o desejo de seguir determinada senda de pesquisa, como as partes finais do livro deixam claro, senda esta que, posteriormente foi abandonada, no hiato de

quase dez anos que separam o primeiro volume dos demais. Não é a primeira vez que Foucault formulara um programa de pesquisa para depois se desfazer dele; vemos o mesmo com *L'ordre du discours* (FOUCAULT, 1971). Outra questão marcante sobre o livro é que nele, pela primeira vez em forma de alfarrábio, Foucault introduz a problemática da biopolítica, já pronunciada em cursos no *Collège de France*.

Do que se trata em HSI? No começo do livro Foucault expõe aquilo que ele chama de hipótese repressiva: o sexo, nas sociedades capitalistas, é reprimido. Sobre ele, pesa variadas interdições, sobretudo o mutismo: não se deve falar do sexo, ele é tabu. Do mesmo modo, os corpos devem evitar expressá-lo. Foucault intenta aqui atingir aquele que é, sem dúvidas, o principal vetor dos debates sobre sexo no ocidente, a psicanálise, mais especificamente, o freudo-marxismo.

Contraopondo-se a este, que defendia que o capitalismo precisa da repressão sexual para utilizar a energia vital no processo produtivo, Foucault busca demonstrar como, na verdade, nunca se falou tanto de sexo como hodiernamente, de modo mesmo que se constitui uma *scientia sexualis*. Ao contrário do que se poderia pensar, há uma incitação para se falar do sexo em nossas sociedades, e a psicanálise seria um efeito desta incitação, antes que a cura deste mutismo. Foucault não nega que exista repressão sexual; mas, para ele, o fundamental das relações entre sexo e poder em nossas sociedades não seria a repressão, mas a criação de sujeitos. Destarte, Foucault se desfaz de dois paradigmas, do sexo como reprimido, e do poder como fundamentalmente repressor. Diz Foucault que um poder puramente repressivo não se sustenta, daí sua necessidade de criar. A principal criação do poder em matéria de sexualidade seria o *dispositivo da aliança*, quer dizer, a definição de uma sexualidade normal, focada no casamento heterossexual, implicando, por contraste, na definição de uma sexualidade anormal, passível de medicalização. Outro ponto de forte aplicação do poder seria a sexualidade infantil, posto que, em um *crescendum*, esta sexualidade foi investigada, normalizada e controlada, o que se pode provar por variados estudos e documentos.

Todo este movimento faz parte de uma biopolítica, que intenta produzir determinado tipo de população, uma que seja saudável, dócil, produtiva. Como se vê, a sexualidade cumpre um papel fundamental neste íterim, ao passo que implica em um aspecto crucial da vida humana, potencializado pelo êxodo rural e a criação de um proletariado urbano moderno.

Se esta é a súmula de HSI, ele também toca nosso objeto. Conforme já indicado, há muitas ocorrências do termo estratégia neste texto. Examinemos uma a uma, para verificar se o conceito de estratégia que aduzimos se sustenta ou não.

Como já citamos uma ocorrência (não em ordem bibliográfica) do termo estratégia, vamos à ordem cronológica. A primeira vez que o conceito aparece no livro é na página 38. Comentando a medicalização da sexualidade infantil, Foucault fala em estratégias de conjunto (*stratégies d'ensemble*):

“O mutismo ele mesmo, as coisas que nos recusamos a dizer ou que se interdita de dizer, a discricção que se requiere entre certos locutores, são menos o limite absoluto do discurso, o outro lado do qual ele estaria separado por uma fronteira rigorosa, que elementos que funcionam ao lado das coisas ditas, com elas e relacionadas a elas em estratégias de conjunto” (FOUCAULT, 1976, p. 38) (A tradução é sempre nossa)⁴.

Na página seguinte, outra ocorrência, comentando os silêncios e as coisas que se pode dizer, Foucault afirma que (...) “Eles são integrantes de estratégias que sustentam e atravessam os discursos”⁵ (FOUCAULT, 1976, p. 39). Na página 42, ainda sobre o tema da sexualidade infantil e dos adolescentes, Foucault fala que sua colocação em discurso fez parte de uma estratégia (FOUCAULT, 1976, p. 42).

O termo reaparecerá somente no meio do livro: “Se trata em suma de definir as estratégias de poder que são imanentes à esta vontade de saber.”⁶ (FOUCAULT, 1976, p. 98). Perceba-se que aqui ocorre o termo estratégia do poder, conforme indica Castro, tal qual supracitado.

Tratando do método, Foucault diz: (...) “As estratégias, enfim, nas quais as relações elas fazem tomam efeito, e dos quais o desenho geral ou a cristalização

⁴ “Le mutisme lui même, les choses qu'on se refuse à dire ou qu'on interdit de nommer, la discrétion qu'on requiert entre certains locuteurs, sont moins la limite absolue du discours, l'autre côté dont il serait séparé par une frontière rigoureuse, que des éléments qui fonctionnent à cote des choses dites, avec elles et par rapport à elles dans des stratégies d'ensemble”

⁵ “ils font partie intégrante des stratégies qui soutiennent et traversent les discours”.

⁶ “il s'agit en somme de définir les stratégies de pouvoir qui sont immanentes à cette volonté de savoir”.

institucional tomam corpo nos aparelhos estatais, na formulação da lei, nas hegemonias sociais”⁷ (FOUCAULT, 1976, p. 122).

Comentando sua própria afirmação, de que a política é a guerra continuada por outros meios, Foucault volta à carga, afirmando, que guerra e política são duas estratégias diferentes, mas que podem se alternar, integrando as relações de forças, sempre tensas, tênues e instáveis (FOUCAULT, 1976, p. 123).

A próxima aparição do termo se dá em uma glosa de Maquiavel. Apontando como este foi considerado cínico por ter analisado as relações do príncipe em termos de força, Foucault afirma que se trata de abandonar este paradigma e (...) “Decifrar os mecanismos de poder a partir de uma estratégia imanente às relações de força.”⁸ (FOUCAULT, 1976, p. 128).

Na próxima referência ao termo, Foucault se indaga (...) “Como estas relações de poder se ligam umas às outras segundo a lógica de uma estratégia global que toma retrospectivamente o passo de uma política unitária e voluntarista do sexo?”⁹ (FOUCAULT, 1976, p. 129).

Na página seguinte, Foucault se interroga sobre as relações entre técnicas de saber e estratégias de poder, que seriam interligadas umas com as outras, reintroduzindo a noção de poder-saber (*pouvoir-savoir*), já trabalhada em *Vigiar e punir*.

Páginas à frente, Foucault reutiliza a noção de *stratégie d’ensemble* (FOUCAULT, 1976, p. 132), *estratégia de conjunto*. E, na mesma página, utiliza mais duas vezes o conceito: na primeira, afirmando que as estratégias somente podem obter efeitos globais se apoiando em relações precisas, isto é, locais; na segunda, ele afirma que (...) “É preciso, antes, pensar no duplo condicionamento de uma estratégia pela especificidade das táticas possíveis e das táticas pelo envelope estratégico que as faz funcionar”¹⁰ (FOUCAULT, 1976, p. 132).

⁷ “les stratégies enfin dans lesquelles ils [as relações de força] prennent effet, et dont le dessin general ou la cristallisation institutionnelle prennent corps dans les appareils étatiques, dans la formulation de la loi, dans les hégémonies sociales”.

⁸ “Déchiffrer les mécanismes de pouvoir à partir d’une stratégie immanente aux rapports de force”.

⁹ “Comment ces relations de pouvoir se lient-elles les unes aux autres selon la logique d’une stratégie globale qui prend rétrospectivement l’allure d’une politique unitaire e volontariste du sexe?”

¹⁰ “il faut plutôt penser au doublé conditionnement d’une stratégie par la spécificité des tactiques possibles, et des tactiques par l’enveloppe stratégique qui les fait fonctionner”.

A referência que segue é relativa a estratégias discursivas diversas no campo discursivo (FOUCAULT, 1976, p. 133). Na mesma página, o termo reaparece comentando a possibilidade de, de certa estratégia, surgir outra, por vezes oposta, tema que será recuperado páginas a frente, onde se comenta como relações de poder opostas podem se situar no interior de uma mesma estratégia (FOUCAULT, 1976, p. 134), que podem mudar de forma e moldar uma outra estratégia (FOUCAULT, 1976, p. 135).

Adiante, refere-se ao fato da mobilidade estratégica do sexo, que pode fundamentar estratégias variadas (FOUCAULT, 1976, p. 136). No parágrafo abaixo, ele diz que: “Não há uma estratégia única, global, valendo para toda a sociedade e apoiando de maneira uniforme sobre todas as manifestações do sexo”¹¹ (FOUCAULT, 1976, p. 136).

Algumas páginas a frente, novas referências, desta vez em um sentido amplo, reportando-se às utilizações do sexo nas distintas estratégias e daquilo que elas comportam. Mas há citações de estratégias de poder e de saber.

Abordando o caráter de suas pesquisas a devir, Foucault afirma que estes estudos se focarão no desenvolvimento do dispositivo da sexualidade em (...) “quatro grandes estratégias que são desdobradas no século XIX: sexualização da criança, histerização da mulher, especificação dos perversos, regulação das populações”¹² (FOUCAULT, 1976, p. 150); e continua, afirmando que são estratégias que não passam pela interdição, mas pela sexualização.

As próximas referências se dão no contexto da análise da biopolítica e de seu papel enquanto estratégia entre os diferentes estados (FOUCAULT, 1976, pp. 180-188).

A aparição posterior do conceito de estratégia ocorre quando do comentário sobre a vontade de saber, tema já analisado por Foucault (FOUCAULT, 2011). Ele diz que: “Poderíamos mostrar, em todo caso, como esta ideia do sexo se formou através das diferentes estratégias de poder e qual papel definido ela aí desempenhou”¹³

¹¹ “Il n’y a pas une stratégie unique, globale, valant pour toute la société et portant de façon uniforme sur toutes les manifestations du sexe”.

¹² “quatre grandes stratégies qui se sont déployées au XIX siècle: sexualisation de l’enfant, hystérisation de la femme, spécification des pervers, régulation des populations”.

¹³ “on pourrait montrer, en tout cas, comment cette idée ‘du sexe’ s’est formée à travers les différents stratégies de pouvoir et quel rôle défini elle y a joué”.

(FOUCAULT, 1976, p. 201). A referência seguinte se dá no mesmo contexto (FOUCAULT, 1976, p. 202).

A próxima ocorrência indica que o dispositivo de sexualidade se valeu de diferentes estratégias para se colocar em movimento, como a histeria, o onanismo, o fetichismo e o coito interrompido.

Citando Freud, Foucault retoma a questão das estratégias de poder e saber, sem, contudo, defini-las. Trata-se da última aparição deste termo instigante, contando, no total, vinte e nove ocorrências. Destarte, é conceito chave para a boa compreensão do texto.

Conclusões

Vimos que seu uso comporta muitos significados, o que dá argumentos para Castro de que há mais de uma acepção de estratégia em Foucault. Há, pois, um sentido comum, como fins atingidos por determinados meios, concepção primeira de Castro. Mas há também um sentido especial, ligado à concepção filosófica, a qual acima esboçamos. Quando Foucault fala das diferentes estratégias postas em prática para a constituição do dispositivo da sociedade; quando ele trata de estratégias de saber e de poder; ele está abordando estratégia em um sentido filosófico, não militar, uma acepção ligada à filosofia política. Cumpre-nos aprofundar a pesquisa para descobrir se, no fim das contas, nem poder, nem saber, nem poder-saber, seriam as chaves de leitura mais adequadas para a compreensão de Foucault; mas, antes, seu conceito filosófico de estratégia. Ele se distingue da “estratégia de poder”, que Castro aponta, na medida em que aborda, também, uma estratégia de saber; além do mais, Castro tem uma visão reduzida no problema, sem apontar as bases filosóficas que orientaram Foucault em seu caminho.

A biopolítica, termo introduzido por Foucault em *Il faut défendre la société*, não seria uma estratégia histórica, e esta seria a chave de leitura mais adequada para sua compreensão? Assim nos parece no estado atual de nossa pesquisa. Desvelar os significados desta estratégia sem sujeito, ou, melhor dito, desta estratégia histórica, é o próximo passo de nossas investigações.

Bibliografia

- BEAUFRE, A; *Introdução à estratégia*, Lisboa: Silabo, 2004
- CASTRO, E.; *Vocabulário Foucault*, BH: Autêntica, 2016, 2ª ed.
- DELEUZE, G.; *Diálogos*, Lisboa: Relógio d'água, 2004
- DIAS, E.; *A filosofia de Michel Foucault*, SP: EDUNESP, 2012
- ECEME; *Introdução à estratégia*, disponível em http://www.eceme.eb.mil.br/images/cpeceme/publicacoes/Introd_Estrat11.pdf, acessado dia 11/03/2019
- HART, B.H.L.; *Strategy*, NY: Meridian Book, 1991
- FOUCAULT, M; *Dits et écrits I 1954-1975 v. I*, Paris: Gallimard, 2001
- _____; *Dits et écrits 1976-1979 v. III*, Paris: Gallimard, 1994
- _____; *Em defesa da sociedade*, SP: Martins Fontes, 1999
- _____; *Histoire de la sexualité - la volonté de savoir*, Paris: Gallimard, 1976
- _____; *Il faut défendre la société (1975-1976)*, Paris: Gallimard, 1997
- _____; *L'ordre du discours*, Paris: Gallimard, 1971
- _____; *Microfísica do poder*, RJ: Graal, 2007, 24ª ed.
- _____; *Surveiller et punir: naissance de la prison*, Paris: Gallimard, 2011
- GONSALEZ, W. C.; *El papel de la filosofía desde Michel Foucault*, Medellín: Edición Unaula, 2012
- GROS, F.; *Foucault, penseur de la violence?*, Paris: PUF, Cités, No 50, Extrêmes violences (2012), pp 75-86
- MONTEAGUDO, R.; *Anti-hegelianismo e representação em Michel Foucault in* SCAVONE, L. et ali (orgs); *O legado de Foucault*, SP: EDUNESP, 2006
- NIETZSCHE, F.; *Genealogia da moral*, SP: Cia das Letras, 2007
- RAINSBOROUGH, M.; *Theme and variation: Foucault's historical apriority as criticism of Kant's concept of a priori in* SANTOS, L.R. dos (Org.); *Kant e o a priori*, Marília: Oficina Universitária, 2017
- SANTOS, L.R. dos (org.); *Kant e o a priori*, Marília: Oficina Universitária, 2017
- SCAVONE, L. et ali (orgs); *O legado de Foucault*, SP: EDUNESP, 2006

VEYNE, P.; *Como se escreve a história; Foucault revoluciona a história*, Brasília EDUnB, 1982.